

UM RAIOS QUE A HISTÓRIA NUNCA VAI APAGAR: A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DO MITO *USAIN BOLT* NO PROGRAMA ESPORTE ESPETACULAR

A LIGHTING THAT HISTORY WILL NEVER CLEAR: THE CONSTRUCTION OF THE NARRATIVE OF MYTH *USAIN BOLT* IN THE TV PROGRAM ESPORTE ESPETACULAR

Cláudia Nandi Formentin

Elton Luiz Gonçalves

UNISUL

Resumo: Usain Bolt, atleta velocista, ganhou destaque na Olimpíada de Pequim em 2008 ao conquistar três medalhas de ouro e bater três recordes mundiais. Nas duas olimpíadas seguintes foram, novamente, seis ouros conquistados nas provas de 100 e 200 metros e 4x100m. Toda essa trajetória esportiva ganhou notoriedade na imprensa mundial e, nessa perspectiva, nos propusemos a constatar, a partir dos estudos de Vogler (2006), uma construção da narrativa mítica na reportagem *Maior da história, Bolt se despede dos 100m rasos com derrota, mas alegria mesmo assim*, de Guilherme Roseguini, veiculada no programa Esporte Espetacular da Rede Globo de TV, em 06 de agosto de 2017. Na análise, foi possível constatar metodologicamente os doze estágios da narrativa mítica do jamaicano e como ela contribuiu para evidenciar o modelo simbólico do herói Bolt. A pesquisa então considerou que a Jornada do Herói é uma valiosa ferramenta dos processos comunicacionais, pois permite perceber a complexidade das narrativas míticas nos mais diversos relatos de vida, tanto do passado quanto contemporâneos.

Palavras-chave: Usain Bolt. Jornada do Herói. Jornalismo Esportivo. Imaginário. Narrativas Míticas.

ABSTRACT: Usain Bolt, a sprinter, won the Olympics Games in Beijing in 2008 by winning three gold medals and breaking three world records. In the next two, he won again six gold in the races of 100 and 200 meters and 4x100m. In this perspective, we proposed to investigate, from the Vogler (2006) studies, a construction of the mythical narrative in the news report *Maior da história, Bolt se despede dos 100m rasos com derrota, mas alegria mesmo assim*¹, by *Guilherme Roseguini*, aired on the TV program *Esporte Espetacular* from *Rede Globo de TV* on August 6, 2017. In the analysis, it was possible to verify methodologically the twelve stages of the mythical narrative of Jamaican and how it contributed to evidence the symbolic model of the hero *Bolt*. The research then considered that the Hero's Journey is a valuable tool of the communicational processes, because it allows to perceive the complexity of the mythical narratives in the most diverse histories of life, both past and contemporaneous.

Introdução

Narrativa mítica, jornalismo esportivo e atletismo são as questões que envolvem esta pesquisa. Nesse conjunto, objetivamos o desafio de, nos estudos do Imaginário, essencialmente em Vogler (2006), perceber uma construção da narrativa mítica na reportagem *Maior da história, Bolt se despede dos 100m rasos com derrota, mas alegria mesmo assim*, de Guilherme Roseguini, veiculada no programa Esporte Espetacular da Rede Globo de TV em 06 de agosto de 2017. Assim, planejamos demonstrar o que Durand (1996, p. 246) já teorizou, e ratificou, que “toda a narrativa [...] possui um estreito parentesco com o *sermo mythicus*”, o mito, o que seria de “algum modo, o modelo matricial de toda narrativa”, bem como, constatar, na reportagem apresentada, a estrutura da *jornada do herói* revisitada por Vogler (2006), em seus estudos sobre o tema, sustentados por Campbell (1997).

Nas competições de atletismo, especialmente nas olimpíadas, paraolimpíadas¹ e demais jogos de abrangência global, as provas de corridas de distâncias curtas – 100, 200 e 400 metros – costumam chamar a atenção popular por apresentar os homens e mulheres mais rápidos do mundo. São atletas altamente especializados com corpos magros que se preparam arduamente para correrem pequenas distâncias no menor tempo possível, provas específicas a qual se dedicam exclusivamente.

Estes atletas, por seus feitos, adquirem status de mito, são homens considerados quase sobre humanos e que, afirma Rubio (2001), somados à rotina disciplinada a que são submetidos, contribuem para a caracterização da imagem do herói mitológico, aquele que transcende sua condição mortal e se aproxima dos deuses. Todavia, de acordo com a autora, o atleta de alto rendimento contemporâneo tem sua imagem vinculada ao espetáculo sendo também um produto da cultura de massas, diferentemente do atleta mitológico da Antiguidade, aquele que a preparação física fazia parte da sua formação enquanto cidadão, uma preparação para a guerra e a proteção da polis.

O jamaicano Usain Bolt apareceu para os olhos do planeta na Olimpíada de Pequim, em 2008. Lá, conquistou três medalhas de ouro e bateu três recordes mundiais. Nas olimpíadas de Londres, 2012 e Rio, 2016, foram novamente três ouros. Todas estas conquistas foram nas provas de 100 e 200 metros (individual) e 4x100m (em equipe). Destaca-se que os atletas que competem nestas modalidades costumam ter baixa estatura e serem jovens, contudo, Bolt tem 1,95 metros e, em 2017, completou 30 anos de idade.

Pensando em encerrar sua carreira, a última participação do atleta em competições seria na Olimpíada de 2016, no Rio de Janeiro, mas acabou convencido de ficar até 2017, ano em que disputaria o Mundial de Atletismo, realizado na cidade de Londres, Inglaterra. Neste ano, de 2017, ele ganhou todas as provas que disputou, mas os resultados foram considerados modestos. Bolt chegou, então, ao mundial, envolto de expectativa sobre seus resultados: era a última vez que o mundo o veria correr e esperava-se que o fim fosse dourado. A reportagem aqui estudada aborda a final dos 100 metros, prova individual em que Bolt era especialista. Esta seria, enfim, sua última

¹ Conforme informações da BBC Brasil, a partir de 2011 o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) adotou a determinação do Comitê Paralímpico Internacional de substituir o termo Paraolimpíada por Paralimpíada.

prova individual.

Diante desse contexto nos permitimos o seguinte questionamento: quais aspectos da reportagem estudada remetem à composição de uma narrativa mítica acerca de Usain Bolt? Para isso, nos propomos a analisar a percepção de uma narrativa mítica na reportagem apresentada, começando pelos estudos do referencial teórico, que abordará especialmente autores como Durand (1996) e Vogler (2006) e, ao apresentá-los, optamos, concomitantemente, por explorar a análise da reportagem. Outrossim, justificamos a escolha dessa temática, pois nos proporciona envolver nos estudos do discurso do jornalismo esportivo uma investigação dos processos de uma narrativa mítica contemporânea.

Mito e narrativa mítica

Os mitos não são uma invenção moderna, mas nem por isso ficaram esquecidos nas civilizações mais antigas. No entanto, a percepção do conceito de mito parece ter sido alterada ao longo do tempo. Se, em outros tempos, o mito constituía-se de uma história verídica, em períodos mais recentes da história popularizou-se a ideia de que o mito é algo falso. Mas, apesar de constantemente atacado, como colocam Ferreira-Santos e Almeida (2012, p. 48), o mito sobrevive na linguagem, na ideologia, na ciência, nas instituições, na história, na magia, nos ritos, na religião, no senso comum (...)", e de modo privilegiado, nos *mass media*.

Teixeira (2005, p. 11) diz que para falar de mito, "à primeira vista, parece inevitável escapar do mundo onírico dos deuses e heróis, seres imaginários, resíduos arcaicos de um imaginário coletivo, narrativas fabulosas de um tempo outro (...)", mas há inúmeras possibilidades de entendimento sobre seu significado e, que, ao longo dos séculos, o mito passou por infinitas semioses ou ressignificações. Nesse sentido, Rubio (2001) explica que, no século XX, os estudiosos sobre o assunto vêm tomando uma postura de aceitar o mito como sendo uma "história verdadeira, preciosa por ser considerada sagrada, ao mesmo tempo exemplar e significativa" (RUBIO, 2001, p. 78).

Tanto no passado quanto no presente os mitos, assim como os demais discursos que formam uma comunidade, podem assumir a função de unir as pessoas dentro de uma determinada ideia coletiva em determinado momento. Sironneau (2003, p. 221) explica que foi Durkheim quem mostrou a importância do símbolo no âmbito social, um grupo social necessita representar a sua unidade de uma forma sensível, ou seja, de se simbolizar objetivamente no sentido de estabelecer e subsistir enquanto comunidade simbólica, numa *in*-consciência coletiva. Rubio (2001, p. 78) afirma que "nas sociedades em que o mito está vivo, ele fornece modelos para o comportamento humano, e por isso mesmo, confere valor à existência". Nas narrativas que estabelecem a constituição do laço social, as figuras míticas permitem que se crie uma expressão do 'nós', algo coletivo, já que é possível apontá-las como figuras sociais.

Ainda, no âmbito das narrativas simbólicas, para Durand (2004, p. 41), "todo pensamento humano é uma *re*-apresentação, isto é, passa por articulações simbólicas". Ferreira-Santos e Almeida (2012, p. 55) entendem que o mito, como narrativa simbólica dinâmica, "faz parte da cultura e da

produção de bens simbólicos que perfazem o imaginário”. O mito, por ser simbólico, tem a função mediadora. Além de contribuir para se perceber uma dimensão da realidade humana inexplicável, o mito traz à tona uma função da imaginação. Essa função materializa-se na narrativa mítica. “Além do mais o mito tem uma função socializante, produz uma comunicação profunda com o meio social” (GOMES, 2009, p. 71-74).

Percebe-se, ao longo da história da humanidade, que os povos, em geral, têm certa necessidade de criar mitos, eles, os mitos, servem para explicar contradições, inquietações e, até mesmo, para justificar conceitos morais vigentes, em determinada época. Se nos tempos arcaicos os mitos eram passados de geração em geração oralmente, hoje a mídia eletrônica e escrita – sobretudo, corroborando com Rosário (2002), os *mass media*, como tecnologia do imaginário e tendo a função da sedução e de encantar – contribui para a criação de modelos simbólicos para a sociedade.

Na contemporaneidade, dominados pela comunicação de massa, os veículos de comunicação criam mundos mito-simbólicos em que os seres humanos possam projetar seus sonhos, medos e fantasias. O mito molda a vida das pessoas mesmo quando elas não se apercebem disso. Rubio (2001) considera o discurso mítico como sendo um relato em que situações, personagens e cenários são colocados em cena.

Manipulados, de forma consciente ou não, pelos produtores de conteúdos mediatizados, afirma Teixeira (2005), os mitos no século XX contribuem para a formulação das mensagens da indústria cultural. Exibidos pela mídia, dedicados atletas ganham status de deuses, tornam-se heróis pelas narrativas do jornalismo esportivo e seus efeitos simbólicos.

Dentro deste contexto é possível identificar em Usain Bolt elementos que o tornam um modelo de comportamento mítico, simbólico. Na chamada para a reportagem analisada, a apresentação afirma que Bolt mostrou ao mundo uma qualidade que não era conhecida. “Talvez porque até agora ele nunca tivesse tido a chance de mostrar”, explica a apresentadora. Percebemos então essa articulação simbólica da qual nos fala Durand (2004), uma vez que no início da reportagem, sem mesmo mostrar alguma imagem do atleta já havia uma construção do imaginário sobre ele.

Nessa perspectiva pode-se perceber, conforme Vogler (2006, p. 33), que as personagens que constam nas histórias míticas aparecem em sonhos e fantasias presentes no imaginário que circunda o coletivo social dando às histórias mitológicas, o sinal da verdade psicológica. São exemplos disso o jovem herói, o(a) velho(a) sábio(a), entre outros. Isso se dá porque, como aborda Campbell (1990, p. 131), o herói produz feitos inimagináveis estando disposto a dar a vida por um povo, uma pessoa ou uma ideia. Portanto, realiza proeza (física ou espiritual) que, conforme o autor, parte de quem percebe a falta de algo em meio às experiências permitidas a outros membros da sociedade em que está inserido. No caso de ações que se apresentam de maneira física há a prática de um feito que exija força e/ou velocidade, por exemplo. Já no caso espiritual, explica Campbell (1990, p. 131), o herói “[...] aprende a lidar com o nível superior de vida espiritual humana e retorna com uma mensagem”. Ele enfrenta as piores batalhas, mas traz consigo a marca da vitória. Para isso, afirma o autor, os heróis podem escolher realizar certa proeza de maneira preparada e intencional ou serem

lançados àquela aventura sem saber exatamente o que estão fazendo.

Campbell (1990, p. 142) indica ainda que a sociedade contemporânea necessita de heróis, pois “[...] ela tem necessidade de uma constelação de imagens suficientemente poderosa para reunir, sob a mesma intenção, todas essas tendências individualistas”. Há, para o autor, um herói lendário que é entendido como aquele que funda algo (uma era, religião, cidade, modalidade de vida). No entanto, esse herói precisa se desvencilhar do velho, do antigo e assim inovar.

Uma constatação feita por Campbell e evidenciada por Vogler (2006, p. 33) é a de que “todas as narrativas, conscientemente ou não, seguem os antigos padrões do mito”. Nesse sentido, destaca que o caminho que o herói percorre acaba por caracterizar uma jornada em que ele sai de sua zona de conforto, sua vida comum, passa por diversos caminhos, muitas vezes tortuosos, com conflitos e antagonismos que lhe estão sempre desafiando. É esta estrutura de Vogler (2006) e Campbell (1990) que se evidenciará na matéria jornalística aqui estudada. Em alguns casos tal jornada pode ser real (ir de um lugar a outro) em outros momentos pode ser espiritual (que envolve a mente, o coração ou o espírito), ênfase que também pode ser percebida na matéria, mesmo antes de começar, na fala da apresentação da reportagem.

Nessa estrutura, Vogler (2006) identifica em Campbell (1990) um esquema, uma espécie de mapa, que apresenta os 12 estágios da Jornada do Herói que estão presentes, organizam todas as histórias. Segundo Vogler (2006), não há rigidez na ordem em que eles serão apresentados ao longo da narrativa, podendo até mesmo ser retirados ou inseridos. Mais do que a ordem, importa, aqui, os valores que essa jornada apresenta. Além disso, reforça o autor, cada um desses estágios deve ser preenchido de maneira individual apresentando elementos que surpreendam aquele que ouve a narrativa. Abaixo fazemos uma representação gráfica destes 12 estágios tais que nortearão o caminho metodológico que o artigo percorrerá para a análise.



Fonte: dos autores, adaptado de Vogler (2006).

A jornada heroica de Usain Bolt

O primeiro dos estágios, o *Mundo Comum*, indica o lugar onde o herói estava antes de sua entrada em um Mundo Especial. Na reportagem estudada, a estratégia utilizada para apresentar o Mundo Comum de Bolt foi, antes de apresentar a final do mundial em que o atleta estava competindo, voltar no tempo. Para isso, optou-se pelo uso de um recurso de edição que mostra visualmente a imagem voltando até o momento em que Bolt ainda era um atleta desconhecido. Além disso, o repórter começa por apresentar o local da final, que aqui, é o Mundo Especial do herói, afirmando: “oito homens. Uma pista. Cem metros pela frente e a certeza de que o dia será histórico porque o maior de todos em tamanho, talento e conquista nunca mais vai correr esta prova”. E o texto prossegue explicando: “Então, ou ele vence e aumenta ainda mais a força da lenda Usain Bolt ou algum intruso vai roubar a cena e virar o mundo de cabeça para baixo”.

Para que este mundo pareça especial é necessário mostrar onde era seu lugar natural, de modo a criar o contraste com o novo. Enquanto Vogler (2006) exemplifica uma possível estratégia para evidenciar os dois mundos com as imagens em preto e branco do Kansas em *O Mágico de Oz*, na reportagem aqui estudada, o contraste entre os dois mundos se dá quando, depois de apresentar o cenário do Mundial de Atletismo, a imagem para e o texto indica: “Mas segura um pouco aí. Para a gente entender a importância do momento é preciso voltar um pouco no tempo”. Enquanto o repórter fala, a imagem volta. “O ponto de partida já é muito curioso. Bolt virou o rei da velocidade por preguiça”. Essa estratégia encontra respaldo na afirmação de Vogler (2006), de que primeiro é necessário mostrar o herói no Mundo Especial, que aqui é a final do campeonato mundial: um dia histórico. Na matéria também afirma que quando Bolt era estudante na Jamaica, seu país de origem, corria os 400 metros e, portanto, sabia como era esse treinamento.

O *Chamado à Aventura*, o segundo estágio, é indicado pela proposta de um desafio, uma aventura ou um problema que tira o herói da zona de conforto em que ele estava no Mundo Comum. Esse estágio, conforme Vogler (2006, p. 38), “estabelece o objetivo do jogo, e deixa claro qual é o objetivo do herói”. O chamado pode ser expresso em uma pergunta. No caso de Bolt, ele se propunha a correr 200 metros e para isso precisaria fazer provas de 400 metros. Bolt recusou por, como já foi dito, conhecer o treinamento, e propôs o desafio ao treinador de correr os 100 metros. Depois de receber o chamado é possível identificar que há certa hesitação por parte do herói em aceitar o desafio proposto. Trata-se do terceiro estágio, da *Recusa do Chamado*, em que o herói sente medo de enfrentar o desafio. Nesse momento, aponta Vogler (2006, p. 38), “é necessário que surja alguma outra influência para que vença essa encruzilhada do medo”.

Esse elemento motivador foi constituído pelo quarto estágio da jornada: *O Mentor*, que neste estudo é representado pelo técnico Glen Mills, a quem Bolt vai pedir conselhos, depois de perder a prova dos 200 metros no mundial de 2007. A função do Mentor, conforme Vogler (2006, p. 39), é “preparar o herói para o desconhecido”. As ferramentas para essa preparação podem estar em conselhos, equipamentos, treinamento etc. Na matéria analisada, a primeira ferramenta utilizada

pelo treinador é o conselho de que o atleta deve correr outra prova além dos 200 metros, a dos 400, que, como já vimos, foi uma recusa de Bolt. Mas, na matéria, enquanto se fala que Bolt nega o conselho, a imagem que surge é do treinador junto com o atleta coordenando sua preparação. Vogler (2006) deixa claro que o Mentor não atravessa todo o caminho com o herói, isso fica evidente na matéria, já que a menção a Mills é feita somente nesse momento. No entanto, percebe-se que é ele quem conduz o treinamento até o momento da primeira vitória de Bolt, em julho de 2007, na Grécia. Assim, fica estabelecido o limite em que o Mentor alcança na matéria e a partir de onde o herói, aqui Usain Bolt, seguiria sozinho.

A partir daí o que se vê é o herói entrando de fato no mundo especial, onde ele vai enfrentar os desafios. Esse momento, chamado por Vogler (2006) de *Travessia do Primeiro Limiar* constitui o quinto estágio. É neste momento que há o encontro com os *Testes, Aliados e Inimigos*, atribuído pelo autor como sendo o sexto estágio. Nele o herói encontra aqueles, com os quais vai estabelecer parcerias, e aqueles que irá enfrentar. Na reportagem veiculada pelo Esporte Espetacular percebe-se que o repórter apresenta as provas que Bolt disputa depois de se desafiar a correr os 100 metros. No entanto, afirma o repórter “ele era rápido, mas ninguém sabia como reagiria sob pressão num grande evento”. Além da pressão, percebemos que são apresentados os outros atletas, os reais concorrentes do jamaicano, ou seja, são apresentados os perigos e desafios lançados e superados por Usain Bolt. Vogler (2006) indica que pode ou não haver um lugar específico para que esses personagens se encontrem. De fato, a única certeza na matéria é a de que os desafios e rivais encontraram-se nas pistas de corrida, ora em campeonatos mundiais ora em eventos olímpicos.

Vogler (2006) afirma que o caminho percorrido levará o herói a um ponto perigoso desse mundo em que está inserido, nomeado pelo autor de *Caverna Oculta*. Esse lugar, pouco conhecido, fica evidenciado na matéria pelas competições da Grécia, em 2007, já antes citada, e de Nova York (2008), em que Bolt bate o recorde mundial. Para entrar na Caverna Oculta existe uma avaliação, um planejamento necessário para enfrentar os obstáculos que o impedem de chegar lá. Na matéria, isso parece ficar evidente nas provas supracitadas, já que são provas preparatórias para os jogos olímpicos de 2008, em Pequim. Elas compõem a preparação para o enfrentamento na Caverna Oculta e, nela, fazem parte da *Aproximação*, que é como Vogler chama o sétimo estágio. Ela, a *Aproximação*, “compreende todas as etapas para entrar na Caverna Oculta e enfrentar a morte ou o perigo supremo” (VOGLER, 2006, p. 42).

A *Provação*, que corresponde ao oitavo estágio, é o momento em que o herói enfrenta seu maior inimigo, seu medo. Essa batalha o levará ao extremo, chegando a correr risco de morte. Aqui há suspense, pois, o momento é crítico. É, conforme Vogler (2006, p. 43), “uma das principais fontes de magia do mito heroico”. A principal batalha para Bolt, na reportagem analisada, é vencer a final dos 100 metros, a última prova individual da carreira, que aconteceu em 2017. No entanto, antes disso são apresentados seus resultados nas três competições olímpicas e mundiais que participara ao longo de sua trajetória. Em 2008, na China, conta a reportagem, Bolt “não precisou nem de 100 metros para mostrar (que reagia bem sob pressão), comemorou antes de cruzar a linha

de chegada”. O que acaba por gerar mais dúvidas, segundo o repórter, pois se Bolt era capaz de correr tão rápido (9 segundos e 69 centésimos) brincando, conforme narra o jornalista, o que ele seria capaz de fazer “caso se dedicasse até o fim?”.

É no mundial da Alemanha, realizado em Berlim no ano de 2009, que o repórter traz a resposta. O tempo alcançado pelo atleta nessa competição (9 segundos e 58 centésimos, recorde ainda em 2017) é a última informação dada ao espectador. Antes, o repórter apresenta como esse tempo foi alcançado: 41 passos, 44 quilômetros por hora “com a força das pernas”. Há, aqui, um envolvimento com o espectador, por permitir que aquele que assiste à matéria compreenda a velocidade que o atleta chegou e, por um elemento que acompanha toda a reportagem analisada: a música, que, criando clima de suspense, nesse momento alcança seu ápice, completada pela fala do repórter: “Bolt não parecia ser desse planeta”, sua fala preenchida também pela imagem de Bolt erguendo uma das mãos para o céu, um gesto característico do atleta, como se estivesse indicando uma decolagem. Como os momentos anteriores envolveram aqueles que ouvem a história do herói, o que acontece no estágio da provação, com Bolt, acontece também com o espectador. Assim, completa Vogler (2006), “somos encorajados a viver com ele esse momento de iminência de morte.” É em 2011, no mundial da Coreia do Sul, quando, segundo a reportagem, o atleta se mostra “humano, falível” em que “nervoso, queimou a largada, foi desclassificado. Seria o fim?”.

Nesse momento, nossas emoções, também como espectadores, são temporariamente suprimidas, para poderem ser revividas no ‘quando o herói retorna da morte’. Esse momento é indicado aqui pelo trecho da reportagem que trata dos Jogos Olímpicos de Londres, 2012. “Todos queriam saber se Bolt, Usain Bolt, iria retomar seu trono”, afirma o repórter, apontando para dois elementos ingleses, o agente James Bond e a Monarquia Inglesa. Ou seja, há uma vontade por parte dos que acompanham a reportagem de ver o atleta sair da condição em que foi posto na Coreia do Sul, no ano anterior.

O resultado desse reviver é uma sensação de entusiasmo e euforia e se completa, pois, “toda história necessita de um momento de vida-ou-morte, no qual o herói ou seus objetivos estão frente a um perigo mortal” (VOGLER, 2006, p. 43). Esse momento, para Bolt, fica expresso na pergunta feita pelo repórter (“Seria o fim?”, questiona o repórter.). Esse é um elemento que se apresenta em ritos de passagem. Nesse contexto, Vogler (2006) compara o herói a um iniciante que precisa passar por esse rito. O rito aqui é demonstrado pela imagem que acompanha a fala do repórter: a pista, os corredores por vários ângulos com destaque para Bolt. Enquanto isso, o repórter afirma: “e ele conseguiu com estilo: 9 segundos e 63 centésimos, recorde olímpico”. Outra parte do ritual é enfrentar o desafio do mundial da Rússia realizado em 2013, sob chuva. Contudo, o repórter lembra que Bolt significa raio, em inglês, “não seria ele que teria medo de um aguaceiro”. Enquanto a imagem mostra o atleta fazendo uma mímica, dando a entender que estava pegando um guarda chuva, a fala do repórter afirma: “bastou sacar um guarda chuva e correr sem receio pra vencer novamente”.

Em 2015, Bolt volta a Pequim e, segundo a reportagem, enfrenta um perigo real: o atleta

americano Justin Gatlin que “foi melhor do que o jamaicano o ano inteiro. Mas para ser campeão do mundo é preciso correr bem na final. Na hora H o homem que sempre venceu por muito (Bolt), se esticou para ganhar por pouco: 10 centímetros, um centésimo de segundo à frente”. Isso, segundo o repórter, foi o que deu confiança para que ele chegasse preparado em 2016, na Olimpíada do Rio de Janeiro, sua despedida da competição. Nesse momento, o repórter fala sobre a juventude que predomina entre os campeões nesse tipo de prova, menos de 25 anos, mas, continua o repórter, “no duelo contra o tempo, Bolt também venceu”. Interessante ressaltar que Justin Gatlin aparece na imagem desse trecho, ele chega muito próximo do campeão. Mas sobre ele nada é dito. Bolt, ressalta a matéria, é o mais rápido da prova aos 30 anos. A sapatilha dourada em plano detalhe na imagem parece justificar a fala do repórter que diz: “muita gente achou que era hora de parar”. Um curto espaço de tempo, sem imagem, um som que parece tirar o espectador daquele momento de concentração e, finalmente, a frase: “não Bolt. Ele resolveu retornar a Londres para mais uma corrida, para colocar à prova, de novo, seu poder de decidir”.

Para voltar a esse ponto, Mundial de Atletismo de Londres, em 2017, no ponto inicial da reportagem, a edição retorna para a imagem congelada em seu início. Há, então, a narração da prova em que Bolt fica com a medalha de bronze e Justin Gatlin com o ouro. Na imagem, não há o plano em close de Bolt, mas sim, em Gatlin. O repórter apresenta as falhas do atleta jamaicano que serão responsáveis pelo desfecho da prova.

Bolt largou mal demais! Até se recuperou, mas não conseguiu conter, lá no canto, o avanço de um velho conhecido: Justin Gatlin, o anti-herói de quase toda a carreira do jamaicano. O americano que perdeu todas as disputas para Bolt nos últimos quatro anos, mas que ontem fez o rival provar do próprio veneno. Uma derrota na hora H: 9 segundos e 92 centésimos. (ROSEGUINI, 2017)

Enquanto isso, as imagens da prova se repetem, ora mais lenta ora mais rápida. Depois de dizer que Bolt ficou em terceiro, o repórter evidencia: “o estádio ficou em silêncio”. A próxima etapa é voltar naquilo que Vogler (2006) chama de *Caminho de Volta*. Nesse momento, por ter mexido com forças perigosas no oitavo estágio, ele pode sofrer com suas perseguições. Então, “o herói compreende que, em algum momento, vai ter que deixar para trás o Mundo Especial, e que ainda há perigos, tentações e testes à sua frente” (VOGLER, 2006, p. 45).

Após vencer o desafio, o herói comemora e pode receber a recompensa. O herói, afirma Vogler (2006) conquistou tal título “por ter corrido riscos extremos em favor de sua comunidade”. O silêncio evidenciado no próximo trecho da reportagem parece ser a recompensa que o público dá por toda a trajetória de Bolt. Então, o resultado da prova não é ainda o fim, nem toda a destruição, da narrativa do herói.

No próximo estágio, o herói é colocado novamente à prova antes de voltar ao Mundo Comum. É um momento em que o herói mostra que, de fato, aprendeu as lições ensinadas durante a Provação. “O herói se transforma, graças a esses momentos de morte-e-renascimento, e assim pode voltar à vida comum como um novo ser, com um novo entendimento” (VOGLER, 2006, p.

45). Esse é o décimo primeiro estágio, a *Ressurreição*. Então Bolt volta a ser destaque na reportagem depois que o repórter explica que Gatlin foi vaiado pela torcida presente no estádio pelo seu histórico de *doping* pelos quais foi punido com o afastamento do esporte por certo período. Mas, justamente por ter pago sua punição, portanto, tinha o direito de estar na competição e vencê-la. “Bolt sabe disso e, na contramão da multidão, foi generoso”. Aqui está o elemento que a apresentadora do programa Esporte Espetacular, ao apresentar a reportagem, disse que o mundo nunca tinha visto. Aqui se apresenta a lição que o herói aprendeu durante a provação de sua trajetória.

Apresenta-se então o último estágio, *Retorno com o Elixir*, o herói volta ao Mundo Comum trazendo a recompensa, o tesouro conquistado no Mundo Especial: a generosidade e o reconhecimento mítico do seu feito. Enquanto o repórter narra o que Gatlin falou na entrevista dada depois da prova, a imagem que se vê é de Bolt abraçando o vencedor da competição e, segundo Gaatlin, ele trabalha duro e que não merece as vaias. Ciente do momento, diz o repórter, o americano (Gatlin) retribuiu se ajoelhando, ainda na pista, em um gesto de reverência, àquele que o jornalista chama de “rei da velocidade” e “saiu logo da pista, pra deixar Bolt à vontade na hora do adeus”, completa o repórter. Aqui cabe a observação de que, apesar da edição da reportagem mostrar a reverência de Gatlin depois do abraço de Bolt, o que fica evidenciado na própria imagem apresentada é que, ao ver o jamaicano se aproximar, o americano se ajoelhou e só depois foi abraçado por aquele que se despedia.

A entrevista de Bolt também é apresentada. Ele fala que perdeu para um grande atleta e que viu um atleta de futuro chegar em segundo. “Vou embora sem arrependimentos”, diz Bolt. A partida, da qual fala o jamaicano, pode nos remeter a dois ambientes: o primeiro é a ida de um lugar ao outro de maneira literal – de Londres para a sua casa –, a outra, como narrativa mítica, é a partida do Mundo Especial para o Mundo Comum que é apresentada na jornada do herói. “No fim das contas a lenda se despede sem o ouro, mas com algo muito mais valioso: dignidade. Até no final da história ele conseguiu nos surpreender. Bolt sabe ganhar, e na despedida, mostrou que, saber perder também faz parte de um grande campeão”, afirma o repórter enquanto as imagens mostram o jamaicano beijando a pista de corrida e fazendo sua costumeira pose para as fotos: com os braços representa um raio.

Considerações finais

O ponto relevante dessa pesquisa se apresenta pelo uso do método explanado por Vogler (2006) com o qual pode facilitar, para os pesquisadores, mapear a jornada esportiva (heroica) do jamaicano Usain Bolt. Na reportagem apresentada foi possível, através da análise metodológica, realizar a leitura dos 12 estágios da Jornada do Herói, evidenciando em cada fase sua história de vida como atleta de expressão mundial, e mítica. Atualmente, em 2017, ano em que Bolt encerrou sua carreira neste esporte, sua jornada deixará registrado um simbolismo mítico, daquele que cruzou todos os estágios, crescendo, aprimorando, vencendo e retornando ao Mundo Comum.

Compreender os estudos do imaginário na perspectiva de Vogler (2006), bem como em Campbell (1990), faz com que se ampliem as pesquisas nesta área e que sejam possíveis futuras leituras sobre as construções míticas de atletas, no âmbito do jornalismo esportivo, ou seja, uma possibilidade de reconhecer nos discursos jornalísticos a teoria de Durand (1996, p. 246), de que “toda a narrativa [...] possui um estreito parentesco com o *sermo mythicus*”, o mito, o que seria de “algum modo, o modelo matricial de toda narrativa”.

É certo que a Jornada do Herói não é o único modelo possível de leitura de uma narrativa mítica, porém, com seu uso metodológico, a história da vida esportiva de Usain Bolt pode ser mais aprofundada do que se o método não tivesse sido empregado.

Por fim, constatamos que a TV, como tecnologia do imaginário, na sua função de sedução e encantamento, como nos colocou Rosário (2002), e a específica reportagem analisada, contribuiu para a criação do modelo simbólico do herói no jamaicano Bolt. Consideramos então que a Jornada do Herói é uma valiosa ferramenta de leitura – e de construção – dos processos comunicacionais, pois nos permite perceber – e elaborar – a complexidade das narrativas míticas nos mais diversos relatos de vida, tanto no passado quanto aqueles contemporâneos, tal como realizado nesta pesquisa.

Referências

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 10. ed. São Paulo: 1997.

DURAND, Gilbert. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

_____. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério de. *Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética*. São Paulo: Képos, 2012.

GOMES, Eunice Simões Lins. *A Catástrofe e o Imaginário dos Sobreviventes: quando a imaginação molda o social*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009.

ROSEGUINI, Guilherme. *Maior da história, Bolt se despede dos 100m rasos com derrota, mas alegria mesmo assim*. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6059642/>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. Televisão: simulação em tempo real, sedução em tempo integral. *Verso Reverso*. São Leopoldo, v. 32, n.--, p. 81-92, 2002.

RUBIO, Katia. *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2001.

SIRONNEAU, Jean-Pierre. Imaginário e Sociologia. In: ARAÚJO, F. A.; BAPTISTA, F. P. (org.). *Variações sobre o Imaginário: domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. p. 219-237.

TEIXEIRA, Alexandre Henrique Carvalho. *Mitiáticos e Coexistentes: Mídia, Mito e Mídiações*. 2005. f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, maio, 2005.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Cláudia Nandi Formentin

Jornalista e licenciada em História, mestra e doutora em Ciências da Linguagem (UNISUL). Professora e pesquisadora da Faculdade Satc (Criciúma-SC) onde é integrante do Grupo de Estudo em Comunicação e Design – GECeD. E-mail: formentinnandi.claudia@gmail.com

Elton Luiz Gonçalves

Mestrando em Ciências da Linguagem (UNISUL). Professor e pesquisador da Faculdade Satc (Criciúma-SC) onde é integrante do Grupo de Estudo em Comunicação e Design – GECeD. E-mail: eltonluizgoncalves@gmail.com

Enviado em 15/09/2017.

Aceito em 30/10/2017.